

Marcelino Ramos
Rio Grande do Sul - RS

Histórico

Marcelino Ramos – a terra – teve seu destino marcado por acontecimentos que se perdem, às vezes, na madrugada de fatos e atos históricos dignos de memoráveis registros de tombamentos à posteridade.

No princípio era a selva. A selva estava em tudo. Cobria tudo, com seu verde manto. Deus fez o mundo. E, como o fez, assim ficou sendo nestas plagas. Apenas a natureza encarregava-se dos pequenos e, quiçá, das profundas e abruptas transformações por que passou a região do “Alto Uruguai”, no decorrer das eras, ao longo da enigmática história, da difícil compreensão e interpretação convincentes.

Ao que se sabe – o vasto território formava uma densa, carrasquenha e compacta floresta, nesta verdejante flora do planalto meridional, impregnada de uma indescritível fauna, onde, também, vicejam itinerantes tribos indígenas. Neste ato, estão impenetrável e impenetrado mistério da estupenda natureza, medravam frondosas árvores, de porte avantajado, para não dizer dantesco, sobressaindo altaneiros blocos de viçosos pinheirais, bem como de erva-mate (CAA) e de alguns fragmentos de tabaco (PETIN), tão em voga, assim denominada pelos autóctones ameríndios.

Animais e aves das mais variadas espécies habitavam em seu seio, dando vida ao manto verde-azul mais profundo da floresta. De galho em galho, bando de macacos e micos, saltitavam intermitentemente. Pelo chão, a se arrastarem, perigosa e traiçoeiramente, répteis e peçonhentas serpentes, além de aracnídeos, de todos os tamanhos, tipos e espécies.

Nas águas dos rios singravam variados cardumes de peixes que formavam matizada fauna aquática. Em solo firme, por carreiros, estavam, sempre alertas, esguias e vigilantes carnívoras, tais como as temidas pumas, tigres e onças pintadas que se espreguiçavam, em galhos ou troncos de árvores inclinadas à espreita de saboroso petisco.

Rios, arroios e lajeados, cortavam em todas as direções, em intenso território de acidentada topografia. Montanhas elevadas e vales profundos distribuíam as pequenas águas de rios e regatos, afluentes do valente, impetuoso e caudaloso binômio fluvial – “Pelotas-Uruguai”, palmilhado de ilhas e sarandis.

Por esta época – a região era habitada – pelos bugres, índios conhecidos por “COROADOS”, além de Kaikanges, Guaranás e Guaranis, para não citar outros, em menor escala. Os coroados andavam nus. Habitavam as matas às margens o Rio Uruguai, desde a foz do Peperiguaçu até a foz do Rio Canoas, afluente do Pelotas. Os caciques eram – NONO-AY e CUNDÁ. Dominavam, pois, a parte meridional de Santa Catarina e Paraná (na época) e toda a região do Alto Uruguai até as proximidades de Ijuí Grande, no limiar dos SETE (7) POVOS DAS MISSÕES.

E a mata foi desbravada. E, entradistas gaúchos e bandeirantes se fizeram presentes pelo “interland” norte, do planalto meridional. Entre eles AUGUSTO CÉSAR (anteriormente Augusto César de Oliveira Penteadado, filho de Ildefonso José de Oliveira e Maria Germana Penteadado, nascido, ao que consta, no Paraná) tendo como companheiros João Placidinho Machado e Antônio Ferreira de Albuquerque, empreendem em ousada exploração, a 31 de dezembro de 1887, partindo das imediações da barra do Rio Bonito, onde moravam, próximos à Coxilha.

Estando com uma canoa de 26 palmos de comprimento, um fiambe de carne de porco, espingardas, anzóis e 4 cães, seguindo os cursos dos Rios Pirassucê, então Rio do Peixe (RS) e Apuaê (ex-Ligeiro) para o Pelotas-Uruguai, em estupenda e épica epopéia, digna de menção histórica inquestionável, para a futura e convergente metrópole de Marcelino Ramos – única rota de transporte ferroviária (via ponte metálica) e rodoviário (via Balsa) para o norte e para o sul do país, num vaivém por esta dadivosa terra da promessa. Aliás, há um precedente Histórico, em favor de Augusto César, o de que ao explorar a região desta mata virgem, desvenda para a história, em 05/01/1888, o canal de Penedo, o estreitinho (Itararé), ainda em vigência do Império que mais tarde receberia o cognome – “Estreito Augusto César”- dado por Marcelino Ramos da Silva ao ilustre

desbravador, para o mais belo e original recanto turístico da região do Alto Uruguai e, ao mesmo tempo, por ser coadjuvante de traçado (rota) do leito da Estrada de Ferro Passo Fundo, A Marcelino Ramos.

Entretanto, a colonização do território somente teve início, por ocasião da revolução Federalista de 1893, também denominada de castilhistas, quando algumas famílias procuravam refúgio no “Vale do Uruguai”. As terras onde tais famílias procuravam asilo (refúgio) aqui localizadas, pertenciam, naquela época ao 8º Distrito de Passo Fundo. Dentre os colonizadores, merecem destaque aqueles que, quando ali se instalaram, como o italiano João Antônio Speranza – e o descendente de açorianos – Francisco Vicente Duarte (da Silva – após suprimido) fixando-se este, no lugar hoje denominado de Coronel Teixeira, atualmente 2º Distrito Municipal; e o primeiro na Linha Esperança (atual) juntamente com as famílias de Guilherme Witscgireck e Francisco Gerber, seguindo-lhes as famílias de Francisco Ritter Dal Zott (vulgo Chico Fumo), no lajeado Teixeira Soares; Carlos Eleutério Ritter, nas proximidades da barra do Teixeira Soares; Antônio Marques da Silva, um pouco acima do Estreito; Domingos e João (JANGO) Teixeira, na região atualmente denominada de Secção Estreito; e por fim José Inácio da Costa, na barra do Rio Ligeiro (Apuatê) com o Rio Pelotas. Tais famílias que aqui aportaram se locomoveram com canoas – a revés de estradas líquidas de cursos d’água e outros, por picadas, em lombos de burros ou cavalos, munidos de “Bruacas e mantimentos”, serpenteando densa e inóspita floresta, em moldes de uma função verdadeiramente civilizadora, nesta fértil e ubérrima região, hoje, MARCELINENSE.

A sede propriamente dita, teve como primeiro morador João Antônio Speranza, mais conhecido como Esperança, sua família, que chegaram à margem esquerda do Rio Uruguai, bem em frente à foz do Rio do Peixe (SC), por volta de 1904, dedicando-se ao cultivo da cana-de-açúcar, onde está assentada parte da cidade. O marco do povoamento passa a ter início, quando a Companhia francesa e ou Belo-Francesa (CHEMINS DE FER SUD QUEST BRÉSILIENS) empreitou a construção da ferrovia (PASSO FUNDO – MARCELINO RAMOS – PORTO UNIÃO), localidade esta situada no Estado de Santa Catarina, dando início a formação da “VILLAGE “, então com moradores que vinham não somente para a Construção da estrada de Ferro e a futura Ponte Metálica, como também de levas de imigrantes (migrantes) atraídos pelo progresso da nascente e próspera povoação da ‘BARRA’.

O povoado de Barra passou sucessivamente por “Estação Alto Uruguai” e, mais tarde eliminou-se (Estação), permanecendo “Alto Uruguai” ao local onde é, hoje, a sede de MARCELINO RAMOS, que, posteriormente a Cia. “AUXILIAIRE” deu o atual nome de - Marcelino Ramos – em justa homenagem ao ilustre Engenheiro (Marcelino Ramos da Silva) que sob as suas ordens foi feita a exploração e locação do trecho Ferroviário (Passo Fundo a Marcelino Ramos) , em 1911, ano possível da mudança de nome da sede, para Marcelino Ramos, que se perpetuará para todo o sempre.

Contribuiu, de maneira notável, para o progresso da sede do povoado, a construção da Ponte Metálica, com início em 1909, concomitantemente com a “Ponte Provisória de madeira”, para acesso de trens de passageiros que, em consequência da grande cheia de 1911, foi arrastada pela violência das águas, juntamente com parte da cidade. Entretanto, a ponte definitiva, com pilares de pedra canterada, por artifices espanhóis, bem como da estrutura metálica só foi inaugurada com grande pompa em data de 22/06/1913, cujos trabalhos de edificação ficaram sob as ordens do competentíssimo Engenheiro DR. Antônio Rocha Meirelles Leite, imponente obra de arte que se perpetua até os momentos atuais incólume.

Destacamos, entre os pioneiros, o pequeno núcleo de comerciantes que aqui se estabeleceram, entre os anos de 1907 e 1909, como estes basilares das seguintes firmas: “Irmãos Pereira (Arthur e João), J. A. Formighieri (Anibal e José), Batista & Ruas e Assef Salim, dedicando-se ao Comércio e Indústria de “Erva-Mete”, bem como da produção de Cana-de-açúcar e seus derivados (Cachaça, açúcar-mascavo, melaço e rapadura) , beneficiados por um transporte barato, fácil e eficiente aos centros de consumo e de retorno de bens para a Indústria e Comércio e lavoura, pelo TREM.

Gentílico: marcelinense

Formação Administração

Distrito criado com a denominação de Marcelino Ramos, pelo ato municipal nº 2, de 27-07-1918, subordinado ao município de Erechim.

Em divisão administrativa referente ao ano de 1933, o distrito de Marcelino Ramos, figura no município de Erechim.

Pelo decreto estadual nº 7199, de 31-03-1938, o município de Erechim passou a denominar-se José Bonifácio.

No quadro fixado para vigorar no período de 1939-1943, o distrito de Marcelino Ramos figura no município de José Bonifácio.

Elevado à categoria de município com a denominação de Marcelino Ramos, pelo decreto-lei estadual nº 718, de 28-12-1944, desmembrado do município de José Bonifácio. Sede no antigo distrito de Marcelino Ramos. Constituído de 2 distritos: Marcelino Ramos, Viadutos, ambos desmembrados de Erechim. Instalado em 01-01-1945.

Pelo decreto-lei estadual nº 720, de 29-12-1944, Marcelino Ramos adquiriu do município de Lagoa Vermelha o distrito de Maximiliano de Almeida.

Em divisão territorial datada de 1-VII-1950, o município é constituído de 3 distritos: Marcelino Ramos, Maximiliano de Almeida e Viadutos.

Pela lei municipal nº 27, de 20-07-1951, é criado o distrito de General Daltro Filho e anexado ao município de Marcelino Ramos.

Pela lei municipal nº 24, de 30-04-1952, o distrito de General Daltro Filho passou a denominar-se Coronel Teixeira.

Em divisão territorial datada de 1-VII-1955, o município é constituído de 4 distritos: Marcelino Ramos, Coronel Teixeira, Maximiliano de Almeida e Viadutos.

Pela lei estadual nº 3728, de 18-02-1959, desmembra do município de Marcelino Ramos o distrito de Viadutos. Elevado à categoria de município.

Em divisão territorial datada de 1-VII-1960, o município é constituído de 3 distritos: Marcelino Ramos, Coronel Teixeira e Maximiliano de Almeida.

Pela lei estadual nº 4266, de 27-12-1961, desmembra do município de Marcelino Ramos o distrito de Maximiliano de Almeida, Elevado à categoria de município.

Em divisão territorial datada de 31-XII-1963, o município é constituído de 2 distritos: Marcelino Ramos e Coronel Teixeira.

Assim permanecendo em divisão territorial datada de 1997.

Pela lei municipal nº 54, 07-12-1999, é criado distrito de Pinhalzinho e anexado ao município de Marcelino Ramos.

Em divisão territorial datada de 2001, o município é constituído de 3 distritos: Marcelino Ramos, Coronel Teixeira e Pinhalzinho.

Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007.